

Texto apresentado em:

PADILHA, P. R. Currículo inter transcultural: novos itinerários para a educação. Prefácio de Reinaldo Matias Fleuri. São Paulo: Cortez, 2004.



currículo intertranscultural

Novos itinerários para a educação

Paulo Roberto Padilha



c + Fleuri 617 d

 **CORTEZ**
EDITORA



INSTITUTO
PAULO FREIRE

Biblioteca Freiriana 8

Paulo Roberto Padilha

Currículo intertranscultural

Novos itinerários para a educação

Sumário

PREFÁCIO — O desafio da transversalidade e da reciprocidade entre culturas na escola <i>Reinaldo Matias Fleuri</i>	13
APRESENTAÇÃO PESSOAL — Com o pé na estrada, enfrentando a desigualdade e a exclusão	19
INTRODUÇÃO — Caminhar contra o vento e praticar a esperança	31
CAPÍTULO 1 — Outra educação é possível	43
1.1. Escola Pública Popular e o Movimento de Reorientação Curricular no Município de São Paulo: de 1989 a 1992	43
1.2. O Movimento da Escola Cidadã	58
1.3. Ecopedagogia: por uma “ética universal do ser humano” ...	86
1.4. Educação como direito, educação emancipatória	94
1.5. Por uma educação cidadã	100
CAPÍTULO 2 — Currículo, complexidade e círculo de cultura ..	117
2.1. O currículo como centro do debate educacional	117
2.2. Teorias de currículo	122
2.3. Currículo e complexidade	135
2.4. Círculo de Cultura e currículo	160

CAPÍTULO 3 — Cultura, multiculturalismo e currículo intercultural	183
3.1. Concepções de cultura	183
3.2. Diferença cultural e hibridismo: para além da diversidade ...	202
3.3. As diversas faces do multiculturalismo	215
3.4. Currículo intercultural	225
CAPÍTULO 4 — Currículo intertranscultural	247
4.1. Para além do monoculturalismo e do multiculturalismo	247
4.2. Intertransculturalidade e educação: ultrapassando fronteiras	260
4.3. O fazer docente e a participação na perspectiva intertranscultural	268
4.4. Princípios, práticas e eixos do currículo intertranscultural: por uma escola alegre e aprendente	286
CONCLUSÃO PESSOAL — Realização de um sonho possível ..	317
BIBLIOGRAFIA	331

Prefácio

O desafio da transversalidade e da reciprocidade entre culturas na escola

O debate atual sobre currículo escolar já construiu referências suficientes para se questionar a perspectiva monocultural a partir da qual historicamente veio se configurando a gestão das práticas educativas na escola. Mas não se encontra ainda um consenso a respeito de que novas perspectivas são pertinentes para compreender a complexidade da educação e para desenvolver processos curriculares inovadores que dêem conta de superar os dispositivos de sujeição e de exclusão inerentes à escola.

O neologismo “intertranscultural”, criado por Paulo Roberto Padilha para apontar um novo modo de compreender o currículo, é muito sugestivo. A própria dificuldade de flexionar, foneticamente, dois prefixos com um adjetivo indica o árduo desafio que se coloca para se formular a complexidade das tramas relacionais que constituem o cotidiano escolar. Ao mesmo tempo, o novo termo busca indicar a ambivalência de significados propostos pelos diferentes pontos de vista e pelas variadas, e por vezes divergentes, concepções que entram em debate, no cenário acadêmico, para construir respostas consistentes aos novos desafios que se colocam na sociedade planetarizada.

A globalização da economia, da tecnologia e da comunicação, de fato, vem intensificando interferências e conflitos entre grupos sociais

de diferentes culturas, particularmente na conjuntura recentemente agravada por ações políticas de caráter belicista por parte de nações hegemônicas no mundo ocidental, assim como pelas diversas formas de "terrorismo" ou de violência desenvolvidas por variados movimentos sociais e políticos que atravessam as diferentes nações. Frente a esses problemas, variadas iniciativas e organizações sociais vêm desenvolvendo propostas de educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores etc.

Tais propostas educativas pressupõem a renovação dos paradigmas científicos e metodológicos. Nessa direção, o pensamento complexo, as relações interdisciplinares, o desenvolvimento da telemática abrem novas perspectivas epistemológicas indispensáveis para a compreensão e promoção da transversalidade das relações interculturais.

Em todos esses movimentos sociais e educacionais que propõem a convivência democrática entre diferentes grupos e culturas, em âmbito nacional e internacional, assim como a busca de construir referenciais epistemológicos pertinentes, o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância frente ao "outro", construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos.

Tal perspectiva configura uma proposta de "educação para a alteridade", aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, no mundo anglo-saxão, se define como *multicultural education* e que, nos outros países da América e da Europa, assume diferentes denominações: pedagogia do acolhimento, educação para diversidade, educação comunitária, educação para a igualdade de oportunidades ou, mais simplesmente, educação intercultural. Por esse motivo, Stephen Stoer e Luiza Cortesão, de Portugal, têm utilizado o termo "educação inter/multicultural" para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos.

Entretanto, é preciso ter claro que os mesmos termos são utilizados para indicar concepções distintas. O termo "multicultural" é em-

pregado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma realidade de convivência entre diferentes grupos culturais num mesmo contexto social. Também refere-se a diferentes perspectivas de respostas a essa realidade social pluricultural. "Multiculturalismo" pode, inclusive, representar concepções pedagógico-políticas divergentes: algumas defendem um modo de aproximar as diferenças étnico-culturais, isolando-as reciprocamente; outras propugnam a perspectiva de convivência democrática entre todos os grupos diferentes.

Por sua vez, o adjetivo "intercultural" é utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem o reduza ao significado de relação entre grupos "folclóricos"; há quem amplie o conceito de interculturalidade de modo a compreender o "diferente" que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada sujeito humano; há ainda quem considere interculturalidade como sinônimo de "mestiçagem".

Também o adjetivo "transcultural" é utilizado segundo diferentes sentidos. É entendido às vezes como elemento transversal já presente em diferentes culturas. Essa concepção pressupõe a possibilidade de universais culturais inscritos na estrutura humana. Mas, numa perspectiva não essencialista, a transculturalidade pode ser entendida como produto original da hibridização de elementos culturalmente diferentes produzida histórica e socialmente pela interação entre pessoas pertencentes a grupos sociais e povos diversos.

A dificuldade de controlar o entrelaçamento da terminologia e de interpretar corretamente o conjunto das diferentes propostas impede-nos de produzir esquemas simplificatórios eficazes. Mas, por isso mesmo, torna o debate particularmente criativo e aberto ao aprofundamento.

Para além da polissemia terminológica e da evidente diversidade de perspectivas que se expressam nas teorias e propostas relativas ao multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo, constitui-se um campo de debate que se torna paradigmático justamente por sua complexidade: a sua riqueza consiste, precisamente, na multiplicidade de perspectivas que interagem e que não podem ser reduzidas

por um único código e um único esquema a ser proposto como modelo transferível universalmente.

Entretanto, o eixo conceitual em torno do qual se situam as questões e as reflexões emergentes nesse campo, e que caracteriza um dos mais espinhosos problemas do nosso tempo, é o da possibilidade de *reconhecer as diferenças e de integrá-las em unidades que não as anulem, mas que ativem o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos.*

Nesse sentido, o trabalho de Paulo Roberto Padilha apresenta contribuições muito significativas.

Em primeiro lugar, faz uma ampla releitura do movimento da *escola cidadã*, enfatizando a necessidade de superar-se a visão monocultural do currículo e de entendê-lo em sua multirreferencialidade, em sua fluidez e transversalidade, de modo a potencializar as relações dialógicas e democráticas entre as pessoas e os grupos socioculturais que interagem no contexto escolar.

Tal perspectiva implica enfrentar a questão epistemológica de fundo que vem desafiando a filosofia ocidental por milênios, qual seja a dificuldade de compreender a relação entre *universal e particular*, entre o global e o local. Historicamente, essas dimensões da realidade têm sido compreendidas, numa perspectiva linear, como opostas e excludentes. Mas a compreensão dos contextos, ou seja, das estruturas que coligam um ser vivo e pensante a outro, em relações interativas e emancipatórias, pressupõe uma mudança de epistemologia (conjunto de premissas subentendidas em nossos modos de fazer distinções, de segmentar os eventos, de dar sentido ao mundo): é preciso superar o modo de entender o mundo por *oposições* (ou / ou) e elaborar um modo de compreender as relações por *conexões* (e / e). É necessário pensar como correlacionadas tanto a diferenciação das identidades quanto as estruturas de conexão. Nessa direção, ao estudar as práticas curriculares, Padilha traz uma série de reflexões que nos ajudam a pensar como se desenvolvem *contextos educativos* que permitem a *articulação entre diferentes contextos* subjetivos, sociais e culturais.

Tal olhar complexo motivou uma estimulante reflexão sobre a proposta freiriana de *Círculos de Cultura*, como referência para a com-

preensão e construção de um currículo que leve em conta as diferentes culturas que mediatizam os processos educacionais entre as pessoas, de modo que a educação se torne criativa e criticamente inclusiva.

Outra contribuição importante desse livro consiste em enfatizar o processo de “*humanização*” inerente aos processos educacionais. Em lugar de se entender educação como a busca de conformar o pensamento e o comportamento das pessoas a padrões culturais pré-definidos e homogêneos, entende-se que as pessoas se educam e se humanizam construindo processos identitários, pelo reconhecimento e pelas interações entre suas diferenças. Cada pessoa se constitui, propriamente, como ser humano na medida em que aprende a cultura, ou melhor, as culturas que constituem e atravessam o contexto social em que vive. Sem apropriar-se de padrões culturais vigentes em seu contexto, a pessoa seria virtualmente incapaz de se orientar e mesmo de sobreviver em sociedade. Tal processo de aprendizagem se desenvolve nas próprias relações interpessoais e sociais: os seres humanos se educam em relação, mediatizados pelo mundo, diz Paulo Freire. Mas do ponto de vista da cultura como tal, cada grupo social, sem interagir com outras culturas, seria incapaz de compreender a lógica dos próprios padrões culturais, nos quais se baseia para dar sentido à sua vida coletiva. A interação com outras culturas aparece como essencial para a evolução da própria cultura. Assim, parafraseando Paulo Freire, poderíamos supor que *as culturas se educam em relação, mediadas pelas pessoas*. Quem interage, individual ou coletivamente, com pessoas de contextos sociais diferentes coloca em questão os padrões culturais próprios e, vice-versa, coloca em xeque os princípios e a lógica que regem a cultura alheia, criando tensões que podem provocar diferentes processos de aprendizagem pessoal e de transformação sociocultural.

É nessa direção que se coloca a principal ênfase da proposta de Padilha: a busca de conceber a prática escolar e o currículo numa perspectiva que vá além não só do monoculturalismo, mas mesmo do multiculturalismo e do interculturalismo. Já reconhecemos que uma visão homogênea e universalizante de cultura dificulta compreender e potencializar a criatividade e a emancipação nas relações educacionais. Mas também não é suficiente perceber a diversidade de padrões

culturais, nem elaborar estratégias de mediação entre as pessoas e entre suas respectivas culturas, para que de fato se constituam processos educacionais críticos e criativos. Pois as relações interpessoais e interculturais constituem contextos intersticiais e transversais caracterizados pela complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade), pela ambivalência e pelo hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) que possibilitam a elaboração de *significados singulares e imprevisíveis*. Nesse sentido, o currículo escolar deixa de ser entendido como um corredor definido por padrões conceituais e comportamentais a serem assimilados homogeneamente e passa a ser entendido, na perspectiva *intertranscultural* enunciada por Padilha, como tramas culturais que atravessam e sustentam as relações entre as pessoas na escola, podendo torná-la curiosa, prazerosa e aprendente.

São Paulo, 4 de outubro de 2003.

*Reinaldo Matias Fleuri**

* Doutor em educação pela Unicamp, é professor titular no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordena o Núcleo Mover "Educação Intercultural e Movimentos Sociais". e-mail: rfleuri@terra.com.br

Currículo intertranscultural

Novos itinerários para a educação

Este livro apresenta uma ampla releitura do movimento da escola cidadã, enfatizando a necessidade de se superar a visão monocultural do currículo e de entendê-lo em sua multirreferencialidade. O neologismo “intertranscultural”, criado por Paulo Roberto Padilha para apontar um novo modelo de se compreender o currículo, é muito sugestivo. Tal perspectiva implica enfrentar a dificuldade de se compreender a relação entre universal e particular, entre o global e o local. E, ao estudar as práticas curriculares, Padilha traz uma série de reflexões que nos ajudam a pensar como se desenvolvem contextos educativos que permitem a articulação entre diferentes contextos subjetivos, sociais e culturais. Este olhar complexo motivou uma estimulante reflexão sobre a proposta freiriana de Círculos de Cultura, como referência para a compreensão e construção de um currículo que leve em conta as diferentes culturas que mediatizam os processos educacionais entre as pessoas, de modo que a educação se torne criativa e criticamente inclusiva.

Reinaldo Matias Fleuri

ISBN 85-249-0986-2



9 788524 909863

CORTEZ
EDITORA



INSTITUTO
PAULO FREIRE